



ISSN 2179-4529 – ANAIS DO 4º SIMPÓSIO DE CIBERJORNALISMO

Do cybermeio para o telejornal de referência: um estudo sobre o *Fait Divers* nas postagens que influenciam no ciclo do jornalismo apócrifo

Marcelli ALVES¹

Resumo: O vídeo amador tem ganhado espaço significativo nos telejornais de referência, em especial os postados na rede social www.youtube.com.br. Entender os mecanismos que fazem com que uma postagem colaborativa seja escolhida em detrimento a outra para ser utilizada em um telejornal é uma das respostas que busca esse trabalho que elegeu como corpus de pesquisa o site www.youtube.com.br, o telejornal da Rede Globo de Televisão, Jornal Nacional, e o site de notícias localizado por meio do endereço www.g1.com.br, também interligado à central Globo de produção. Observa-se que um novo ciclo da notícia surge com o cybermeio utilizado em complementação à televisão, denominado aqui como ciclo do jornalismo apócrifo. A terminologia apócrifo utilizada nesse trabalho vem de encontro com o pensamento de Andrade e Azevedo (2001) que assim denomina o jornalismo que se origina (ou flerta) no exterior dos cânones tradicionais do fazer jornalístico. O referencial teórico está embasado nas teorias do *newsmaking* e a do *gatekeeper*, além da análise dos materiais serem feitas à luz da semiologia de Barthes, com ênfase no *Fait Divers*.

Palavras-chaves: Youtube. Jornal Nacional. G1. *Fait Divers*. Ciclo da notícia.

As redes sociais estão diretamente ligadas à vida dos cidadãos brasileiros que têm acesso a internet. 46,5% da população brasileira está conectada. (IBGE 2011). É sabido,

¹ Jornalista, especialista em Imagem e Som (UFMS) mestre em Produção e Gestão Agroindustrial (UNIDERP). Professora assistente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. E-mail: alves.marcelli@yahoo.com.br



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





também, que parte desses materiais podem ter caráter noticioso. Indubitavelmente esse fato afeta diretamente as redações e conseqüentemente a produção de notícias.

Muito tem se falado sobre o impacto das novas tecnologias no jornalismo. Várias possibilidades estão sendo apresentadas por estudiosos e novas terminologias também têm sido apresentadas para área da comunicação. Sobre essa situação está em voga a expressão jornalismo líquido. Termo que evidencia o quanto a produção da notícia está em repaginação. O termo também é discutido pelo polonês Bauman, o autor fala sobre a modernidade líquida e faz um comparativo, uma metáfora com a sociedade, sobre o significado de líquido, ele diz que os líquidos escorrem, respingam, fluem e se movem facilmente.

Líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais seus membros agem mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação de hábitos e rotinas, das formas de agir. (BAUMAN, 2007, p.7).

As definições de BAUMAN (2007) foram complementadas por Santaella (2007) quando ela se refere a dinâmica da cibercultura. Rublescki (2011), também explora as definições de Bauman (2007) e desenvolve o termo jornalismo líquido. Para ela, a terminologia está relacionada a reconfiguração do jornalismo a uma nova ecologia midiática. No entanto, a autora afirma que o jornalismo líquido não significa o fim do jornalismo, mas representa um cenário instável. Isso em função de que nessa nova modalidade a sociedade passa a conviver com um cenário por meio do qual todos podem produzir conteúdo informativo.

Percebe-se que um dos itens desse processo comunicativo é a convergência. Sobre este assunto Jenkins (2009) é claro:

Um processo chamado “convergência de modos” está tornando imprecisas as fronteiras entre os meios de



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





comunicação, mesmo entre as comunicações ponto a ponto, tais como correio, o telefone e o telégrafo, e as comunicações de massa, como a imprensa, o rádio e a televisão. Um único meio físico – sejam fios, cabos ou ondas – pode transportar serviços que no passado eram oferecidos separadamente. De modo inverso, um serviço que no passado era oferecido por um único meio – seja a radiodifusão, a imprensa ou a telefonia – agora pode ser oferecido de várias formas físicas diferentes. Assim, a relação um a um que existia entre um meio de comunicação e seu uso está se correndo. (JENKINS, 2009, p. 37)

Primo (2007) fala sobre a interatividade. Para ele a fórmula conhecida anteriormente como o emissor, a mensagem, o meio e o receptor passou por um processo de transformação. Atualmente é webdesigner, site, internet e usuário. Posteriormente, ele recria o caminho da mensagem passando para webdesigner, site, internet e usuário. Para ele, essa última é a fórmula da interatividade.

Ainda sobre as termologias adotadas na tentativa de explicar os novos acontecimentos no campo do jornalismo recorre-se a Jorge (2007). A autora traz o termo da biologia mutação para o campo comunicacional. Para justificar, a autora explora a hipótese de que a notícia é um ser vivo cujo DNA estaria na pré-história da comunicação. No seu argumento, Jorge (2007) justifica que a notícia passou por toda trajetória de organismo vivo e transformou-se mais uma vez, na tela eletrônica e passa a assumir novos formatos, em discussão específica o hipertexto.

Assim, o que se discute nesse material está relacionado as definições acima citadas, no entanto exploradas a partir de uma outra ótica. O artigo em questão analisa o ciclo que o jornalismo está vivendo atualmente. O corpus do trabalho estipulado é o site de compartilhamento de vídeos youtube, localizado no endereço www.youtube.com.br, o telejornal Jornal Nacional – JN (Rede Globo) e o site de notícias ligado à Central Globo de produções, intitulado G1, localizado no endereço www.g1.com.br.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





O que pretende-se atestar é que não foi apenas a escrita que sofreu mutação com o cibermeio, mas também a relação com a imagem. Atualmente a fonte, pode também produzir conteúdo que quando disponibilizado na rede pode, dependendo de suas características, ser transferido para um telejornal de referência (no caso aqui em específico o Jornal Nacional), passando deste para o site de notícias G1 em forma de hipertexto e voltando com a imagem editada do telejornal para a rede (youtube). O fluxo não é linear e não segue necessariamente essa ordem e é aqui proposto pelo trabalho a denominação de ciclo do jornalismo apócrifo.

Segundo o dicionário aurélio (1999) , apócrifo significa aquilo que não é autêntico, que não é do autor a que se atribui. Para Andrade e Azevedo (2011) jornalismo apócrifo é aquele que se origina (ou flerta) no exterior dos cânones tradicionais do fazer jornalístico. Os autores vão além quando dizem que no momento em que o telejornalismo apropria-se das imagens consideradas leigas (aqui nesse trabalho entende-se como vídeo amador) passa a construir o então jornalismo sugerido por eles como apócrifo. Os autores alegam que dessa forma a questão de credibilidade assume a forma de um sofisma, ou seja, o telejornal exime-se da responsabilidade pela credibilidade do que se exhibe pois não foi o produtor do material ao qual está exibindo, uma vez que as imagens passam a ser fontes externas. E é essa mesma linha de pensamento que segue esse trabalho que se apropriou da terminologia. No entanto, o que se pretende é estender a terminologia e analisar de forma sistêmica a interação entre televisão e cibermeio.

Antes de explorar o ciclo proposto neste material é preciso voltar aos primórdios da comunicação. Sabe-se que na história da comunicação muitos pensadores tentaram definir um esquema que justificasse o processo comunicativo. Por falta de espaço falaremos apenas de dois grandes pensadores, Aristóteles e Lasswell. O primeiro, Aristóteles, passou a dizer que para que a comunicação existisse era preciso ter a pessoa que fala , o assunto a ser tratado, e a pessoa a quem se fala. Em seguida Lasswell montou o esquema e criou novas terminologias, ou seja, o emissor (fonte), a mensagem e o receptor.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





Com o passar dos anos o modelo Lasswelliano teve o crescimento de dois elementos (em que canal e com que efeito). Percebendo as falhas no processo existente Nixon e Schramm ampliaram o modelo de Laswell e incluíram os objetivos do emissor e as condições de recepção e depois o *feedback*. O modelo de Lasswell é pioneiro na tradicional abordagem da comunicação. Modelo que posteriormente foi ajustado para o jornalismo como as perguntas que devem ser respondidas no lead da notícia.

Uma maneira conveniente para descrever um ato de comunicação consiste em responder às seguintes perguntas: Quem? Diz o quê? Em que canal? Para quem? Com que efeito? O estudo científico do processo de comunicação tende a se concentrar em uma ou outra dessas questões. (LASSWELL, 1971,p. 103)

O assunto foi e ainda é estudado por diversos teóricos, mas o que se percebe é que com o advento dos meios de comunicação de massa acrescentou-se outros elementos como: emissor, receptor, canal, mensagem, signo, códigos, entre outros. No entanto, mesmo com o passar dos anos e tantos estudos o fluxo da comunicação passava a ser estudado a partir daquele que emite, aquele que transmite e aquele que recebe. O que se discute aqui é que com o advento das novas tecnologias isso foi alterado.

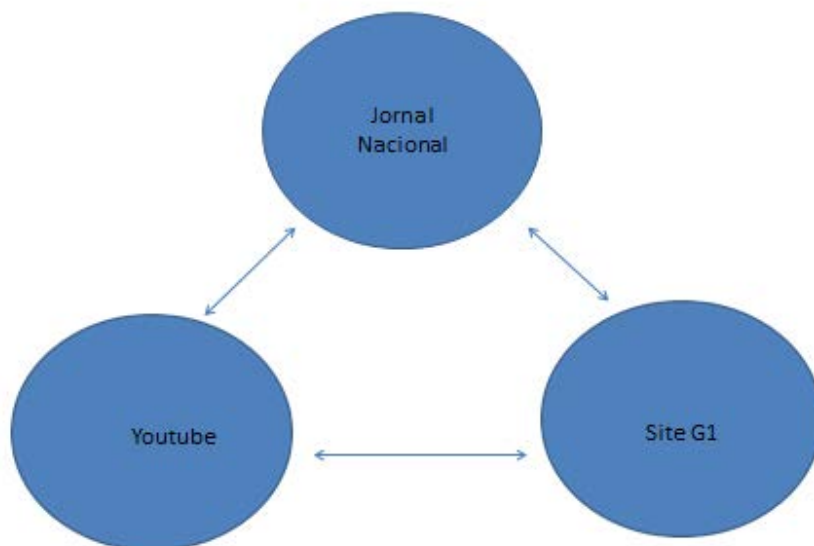
Abaixo o organograma do fluxo na imagem do vídeo amador quando oriundo do cibermeio e utilizados na televisão:

Figura 1
Ciclo do vídeo amador no jornalismo apócrifo
Fonte: elaboração própria



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





Esse fluxo é alimentado pelo chamado jornalismo colaborativo e/ou cidadão. Para poder buscar uma definição para o mesmo recorre-se a Brittes (2004, p. 9) quando ele diz que se trata de “publicações pela internet que apresentam alto grau de interatividade, de modo que os conteúdos são construídos em parceria”. Sbarai (2009) diz que o jornalismo colaborativo tem como característica a produção da informação realizada por cidadãos, que pode ser feita por meio de textos, fotos e/ou vídeos. Os materiais podem ser distribuídos pela internet.

Para entender um pouco mais sobre esse contexto, primeiro seguimos para a definição dos corpus do trabalho:

O Jornal Nacional

O Telejornal intitulado Jornal Nacional teve seu início no ano de 1969 e foi o primeiro jornal em rede da Rede Globo de televisão. O programa em questão entrou para a história do telejornalismo brasileiro por vários motivos, dentre eles por ter alcançado o



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





marco da maior audiência da televisão brasileira. Atualmente o telejornal é apresentado por William Bonner e Patrícia Poeta, mas anteriormente já contou com apresentadores como Fátima Bernardes, Heron Domingues, Sergio Chapelin e Cid Moreira.

O portal de notícias G1

O Portal de Notícias G1 trabalha com a informação. É um portal bastante conhecido no Brasil e está diretamente ligado à Central Globo de Jornalismo. Desde o ano de 2006, o portal faz parte da história do Jornalismo on line e coloca à disposição do leitor conteúdos de suas várias praças que seguem o endereço padrão do site www.g1.com.br seguido de barra e então o nome da afiliada. O portal de Notícias G1 disponibiliza widget como esporte, tecnologia, planeta bizarro e as “Mais lidas” e oferece uma grande gama de informação diariamente. Como todas as praças alimentam o portal, logo informações de todo o Brasil chegam a todo o instante para serem “filtradas” pelos seus editores e analisadas quando a prioridade de divulgação nacional.

O youtube

O youtube foi inaugurado no mês de junho do ano de 2005. Mas foi em outubro do ano de 2006 que o site de compartilhamento de vídeos foi marcado por um fato que evidenciou para o mundo o seu sucesso quando a Google comprou a empresa por US\$ 1,65 bilhões. Para Burgess, Jean (2009) o site em questão representa uma plataforma por meio da qual a mídia de massa é recombina e a mídia caseira tem a oportunidade de ganhar acesso público. De acordo com Burgess, Jean (2009) em um bloco sobre o Youtube no programa 20/20, da ABC (EUA), o jornalista John Stossel cobriu o alcance cultural aparente do vídeo amador, incutindo um tom típico de incredulidade em sua matéria para audiência: “Você gosta de ficar vendo crianças fazendo coisas idiotas e perigosas? animais fazendo coisas bonitinhas? lindas modelos tropeçando? ou mil detentos dançando ao som da musica Thriller? tudo isso está no youtube.” (BURGESS, JEAN, 2009, p. 46).



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





Mas a pesquisa empírica permite a a afirmação de que é sim essa plataforma de compartilhamento de vídeos um meio do cidadão contribuir para o que anteriormente os autores chamavam de jornalismo colaborativo ou cidadão. Foi o youtube o responsável pelo aumento significativo tanto no número de pessoas publicando os seu vídeos na internet quanto pelo aumento dos vídeos disponíveis para quem quer assistir.

O youtube marcaria então uma nova fase da televisão? Muito se tem discutido sobre isso, no entanto, este trabalho parte da linha de pensamento que eles são complementares. O youtube, além de outros tipos de trabalhos, auxilia a televisão no jornalismo colaborativo.

Referencial teórico

A pergunta que anseia por uma resposta nesse trabalho é a seguinte: o que faz um vídeo amador, em detrimento a outro, entrar para o ciclo (imagem no ciberespaço, televisão, hipertexto e retorno à imagem no ciberespaço)? Buscou-se respostas no aporte teórico baseado nas Teorias do Jornalismo, em especial o *newsmaking*, que busca entender os critérios de noticiabilidade, e também contempla a terminologia *gatekeeper*.

A teoria do *newsmaking* inclui em seus estudos, principalmente, a forma em que se desenvolve o relacionamento entre fontes primeiras e jornalistas, além das etapas da produção informacional, em se tratando tanto do nível de captação até a sua distribuição. Segundo Wolff (2005), trata-se de um estudo ligado à sociologia das profissões, no caso o jornalismo. O autor afirma que ao estudar a terminologia do *newsmaking* faz-se necessário o entendimento do termo *gatekeeper* o processo de produção da informação. Ele é utilizado na tentativa de entender as escolhas dos critérios de noticiabilidade, ou seja, ele se justifica quando faz uma comparativo entre a terminologia *gate* (que significa portões em inglês) e a aproxima do processo de produção da notícia. O autor diz que o fluxo de notícias precisa passar por diversos *gates* (portões) que na prática são decisões tomadas pelo jornalista. Ou



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





seja, o *gatekeeper* precisa decidir se vai escolher determinada notícia ou não. “Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo “portão”, se não for a sua progressão é impedida, o que na prática significa “morte” porque significa que a notícia não será publicada” (WOLFF, 2005, p. 150). Essa hipótese analisa a notícia apenas a partir de quem a produz: o jornalista. O mesmo autor diz que o *gatekeeper* se baseia no conceito de seleção e minimiza outras dimensões importantes do processo de produção da notícia. Altheide (1976) evidencia que dessa forma as notícias acabam a ser como são em função de que os jornalistas assim as definem.

Na verdade, os estudos em torno do *newsmaking* – que em sua tradução livre seria os fazedores de notícia ou a criação da notícia – surgiram exatamente em torno dos processos de *gatekeeping* verificados por Kurt Lewin já em 1947. Naquela ocasião, estudando o fluxo informativo de um importante órgão de imprensa norte-americano, na relação entre chegada de notícias pelos *telexes* da época e a utilização daquelas mesmas informações na edição posterior do jornal, Lewin levantou a seguinte estatística: de 1333 negativas de publicação, 800 dixaram de ser editadas por alegada falta de espaço, 300 por pretensa sobreposição de tema ou falta de interesse junto ao público, 200 por falta de qualidade do material enviado, 33 por constituírem informações situadas em áreas demasiadamente distantes dos campos de interesse dos leitores mais tradicionais do jornal. Lewin concluiu na época que, de cada dez notas de telex chegados àquela redação, apenas uma era transformada efetivamente em notícia na edição seguinte. (fazer a citação correta de coletânea, pg 205)

A partir desse pressuposto percebeu-se que existem normas profissionais que encabeçam a seleção da informação. A teoria do *newsmaking* diz que o jornalismo ajuda a construir a realidade, não sendo apenas mero reprodutor dela. O *newsmaking* pressupõe que as notícias são como são em função de que a rotina industrial de produção assim as determina. Essa teoria define os critérios que influenciam para que um fato se transforme em notícia atribuindo critérios a noticiabilidade, a sistematização e os valores notícias.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas –, para adquirir a existência pública de notícia (WOLF, 2005, p.195).

Bordieu (1996) diz que "os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado". (BORDIEU, pp.25). Traquina (2005) concorda com o autor e atribui a esses “óculos” os valores notícias e os dividem .

Servem de “óculos” para ver o mundo e para o construir. Sublinhamos, como o historiador Mitchell Stephens, as “qualidades duradouras” do que é notícia ao longo do tempo: o insólito, o extraordinário, o catastrófico, a guerra, a violência, a morte, a celebridade. Mas os valores notícia não são imutáveis, com mudanças de uma época histórica para outra, com sensibilidades diversas de uma localidade para outra, com destaques diversos de uma empresa jornalística para outra, tendo em conta as políticas editoriais. (TRAQUINA, 2005, p. 95)

Para o autor os valores-notícia são divididos entre os de construção e os de seleção. Traquina(2005) diz ainda que os critérios de seleção são subjetivos e estão relacionados a avaliação dos fatos de acordo com a sua importância, ele os define da seguinte maneira : morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito ou controvérsia, infração e escândalo.

Os valores-notícia eleitos pelo autor como critérios contextuais são: disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso.

Mas frente a uma produção significativa de vídeo amador disponíveis na internet, em especial no objeto de estudo youtube, quais os mecanismos que regem na escolha de um a outro para ser inserido em um telejornal de referência? Estaria então o *gate* sofrendo



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





influências colaborativas na tomada de decisões? E quais os valores notícias definidos pelo *newsmaking* influencia com predominância nesse processo?

A influência do *Fait Divers* nos valores notícias dos vídeos amdores

Sabe-se que o estudo da comunicação contemporânea sofre a influência de vários pensadores franceses. Um dos pensamentos adotados nesse trabalho é oriundo do francês Roland Barthes que encabeça o campo da semiologia (estudos de todos os sistemas de signos). Foi Barthes também o precursor nos estudos do *Fait Divers*, termologia que está relacionado a imprensa sensacionalista e que será bastante explorada no decorrer da análise do material.

Muitas vezes, o rótulo sensacionalista está ligado aos jornais e programas que privilegiam a cobertura de violência. Entretanto, o sensacionalismo pode ocorrer de várias maneiras. É possível afirmar que todo o jornal é sensacionalista, pois busca prender o leitor para ser lido, e conseqüentemente, alcançar uma boa tiragem. (AMARAL, 2006, p. 20)

Angrimani (1995, p.16) define o sensacionalismo como o produto que visa “tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento.” Para o autor, sensacionalismo é a produção do noticiário que extrapola o real e superdimensiona o fato. Angrimani (1995) enfatiza que ao enquadrar um veículo nessa denominação automaticamente se está afastando de mídias conhecidas como ‘sérias’.

Na abrangência de seu emprego, sensacionalista é confundido não só com qualificativos editoriais como audácia, irreverência, questionamento, mas também com imprecisão, erro na apuração, distorção, deturpação, editorial agressivo – que são acontecimentos isolados que podem ocorrer dentro de um jornal informativo comum”. (Ibidem, p. 14).

Mas para explicar a essência das denominações, recorre-se a Barthes (1971), em função de que ele é o precursor nesses estudos. Para ele, a termologia é sinônimo de



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





informação sensacionalista. Barthes (1971 p.263) a caracteriza com o seu sentido aterradorante “análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em resumo anônimos”. O autor complementa afirmando que existem dois tipos de *Fait Divers*: o da causalidade e o da coincidência. Para o autor a causalidade está sempre vinculada a um absurdo, a narrativa sempre segue a desproporção entre o efeito e a causa. Já a coincidência e ressaltada por Barthes: “leva sempre a imaginar uma causa desconhecida, tanto é verdade que na consciência popular o aleatório é sempre distributivo, nunca repetitivo” (BARTHES, 1966, p.194). De forma geral, o *Fait Divers* não trata de assuntos oficiais, mas, sim drama de pessoas comuns. Dessa forma, faz com que o leitor se reconheça nas histórias que de maneira geral poderia ser sua.

O *Fait Divers* é uma informação total, ou mais exatamente, imanente; ele contém em si todo seu saber: não é preciso conhecer nada do mundo para consumir um *Fait divers*; ele não remete formalmente a nada além dele próprio; evidentemente, seu conteúdo não é estranho ao mundo: desastres, assassinios, raptos, agressões, acidentes, roubos, esquisitices, tudo isso remete ao homem, a sua história, a sua alienação, a seus fantasmas, a seus sonhos, a seus medos (...) no nível da leitura, tudo é dado num *Fait Divers*; suas circunstâncias, suas causas, seu passado, seu desenlace; sem duração e sem contexto ele constitui um ser imediato, total, que não remete, pelo menos formalmente, a nada de implícito: é nisso que ele se aparenta com a novela e o conto, e não mais com o romance. É sua imanência que define o *Fait Divers*.(BARTHES, 1966, p. 189)

Barthes (1971) subdivide as categorias do *Fait Divers*. Em relação ao da causa esperada o autor a desmembra em causa perturbada e causa esperada. O autor simplifica dizendo que a causa perturbada é quando se desconhece ou não é possível precisar a causa de tal fato e ainda, quando uma pequena causa provoca um grande efeito. “Causa perturbada: há o desconhecimento causal ou quando uma pequena causa provoca um



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





grande efeito; Causa Esperada: quando a causa é normal, a ênfase recai nos personagens dramáticos — criança, mãe e idoso (BARTHES, 1971, p. 276-271).

Em relação a causa esperada Barthes (1971) explica quando a causa é corriqueira considerada normal e normalmente explora personagens dramáticos que podem causar comoção de forma geral crianças, mães ou idosos. Em se tratando do *Fait Divers* da coincidência o autor o divide em da repetição e o da antítese. A repetição é tratada quando uma informação acontece de forma repetida e leva o receptor a supor causa desconhecidas, que acontecem em aspectos diferentes. A antítese ocorre quando se assemelham dois termos de qualidade distante, ou seja, ela une dois termos opostos, e consegue estabelecer a fusão de dois percursos diferente em um único. Uma de suas formas de expressão é o cúmulo (a má sorte), figura da Tragédia Grega.

Concordando com o pensamento do autor acima, Angrimani (1995) diz que a melhor âncora para o jornal sensacionalista é o *Fait Divers*, que vai utilizá-lo como seu principal nutriente. Partindo desse princípio e relacionando o mesmo com a análise dos materiais acima descritos percebe-se em vários exemplos práticos a presença do *Fait Diver* nas postagens do youtube que conseguem a sua migração para o Jornal Nacional e consequentemente entram no cliço aqui discutido nesse trabalho.

Coleta de dados

Para a realização da pesquisa foram feitas análises empíricas em semanas nos anos de 2011, 2012 e 2013. Nesse período foram observados o telejornal intitulado Jornal Nacional, a plataforma e compartilhamento de vídeos na internet e o site de notícias G1. A intenção foi identificar as imagens oriundas do *youtube*, a sua migração para a televisão, a transformação em hipertexto e o seu retorno como vídeo de jornalismo na plataforma de origem. Os critérios estipulados pela análise levaram em consideração a identificação do vídeo amador e as características comuns entre eles.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





A justificativa das datas expostas nesse material é em função de que a pesquisa apresentada aqui está em andamento desde o ano de 2010 passando a integrar a partir do ano de 2012 ao grupo de pesquisa em Mídia Jornalística (G Mídia). As semanas eleitas para análise foram escolhidas como recorte em função de que após a análise anual dos materiais as respectivas datas apresentam vídeo amador e completam o ciclo que intitulamos de jornalismo apócrifo:

Figura 2

(Reportagens do Jornal Nacional com identificação do vídeo amador que fizeram parte do ciclo: Youtube, Jornal Nacional, G1 e Youtube)

| Ano | Dia | Mês |
|------|---------|-------------------|
| 2011 | 14 a 22 | Dezembro |
| 2012 | 10 a 18 | Janeiro |
| 2012 | 25 a 31 | Julho |
| 2013 | 05 a 10 | Janeiro |
| 2013 | 28 a 01 | Janeiro/fevereiro |
| 2013 | 25 a 29 | Março |
| 2013 | 18 a 21 | Maio |
| 2013 | 08 a 15 | Julho |
| 2013 | 22 a 26 | Julho |



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
 Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
 CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
 www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





Análise dos resultados

Após a realização da análise empírica do material percebeu-se que a presença do vídeo amador não é constante, ou seja, ele não acontece em todas as semanas. No entanto, atentou-se também que grande parte deles apresenta características semelhantes em relação a presença do *Fait Divers*. Ao realizar a observação percebe-se que o Jornal Nacional apresenta uma média de dez reportagens por edição, isso pode variar pois dependendo dos fatos noticiosos do dia as entradas ao vivo, denominadas de links, tomam mais tempo e o número de reportagens é reduzido.

Partindo para análise estatística o resultado sobre a presença do vídeo amador durante a semana é alterado de acordo com o fato. Por exemplo, assuntos de pequena repercussão, não são explorados em outras edições, portanto, a busca por novos vídeos ou a utilização do mesmo limita-se a apenas uma entrada. Diferente de fatos que ganham repercussão mais acirradas. Começaremos com a análise de um vídeo que após ser postado no *youtube* ganhou repercussão significativa, tanto na grande imprensa quanto em outras redes sociais. Na postagem a imagem de uma enfermeira chamada Camila Corrêa Alves de Moura Araújo dos Santos chutava e jogava um cão da raça yorkshire no chão. Após a agressão o cão morreu. A atitude da enfermeira foi feita na frente da sua filha, uma criança de aparentemente três anos. Esse material foi utilizado por três vezes na cobertura do Jornal Nacional. O fato aconteceu no ano de 2011.

No ano de 2012 nas semanas elencadas foram encontrados duas postagens com a utilização de vídeos amadores. A primeira trata de uma suposta agressão de Policias Militares a um estudante da Universidade de São – USP, no campus da instituição. Vídeos postados no *youtube* e explorados no Jornal Nacional mostravam a agressão que ocorreu durante a desocupação de um espaço que era usado pelo diretório central dos estudantes (DCE), esse material foi utilizado por duas vezes na semana. A outra relacionada ao ano de 2012 fala da investigação de um policial por ter realizado um disparo durante um sequestro



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





relâmpago na cidade do Rio de Janeiro. O material relata que uma mulher foi sequestrada na porta de uma escola onde tinha ido buscar o sobrinho. A polícia foi chamada e encontrou os bandidos. Um deles foi baleado. A polícia diz que o infrator tinha reagido, mas não foi isso que as imagens de um cinegrafista amador, postadas no youtube, demonstraram. Essas imagens foram exploradas pelo Jornal Nacional e evidenciam que no momento do disparo o assaltante estava dominado e não esboçava nenhuma reação. Ainda na reportagem o Secretário de Segurança do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame, afirmou que os policiais seriam submetidos a processo de expulsão sumária.

Após a descrição dos materiais analisados nos anos de 2011 e 2012, buscou-se encontrar um ponto em comum entre os fatos. É notório que a agressão, a morte, a infração a lei e a violência estão presentes em todas as postagens descritas. Esses itens citados também corroboram para inferir que os mesmos contêm componente do *Fait Divers*.

Sobre a agressão da enfermeira em relação ao cão recorre-se ao pensamento de Oliveira (2000) quando o autor afirma que as situações de violência, quando denunciadas intiga o espectador olhar.

A mesma definição é cabível para os vídeos de 2012 envolvendo a PM: a violência.

(...) O sucesso da violência como estilo estético e como símbolo ou metáfora do mundo contemporâneo parece incontestável: os números de audiência e bilheteria comprovam. (BELONI, 1998, 20)

A violência é tida como uma das categorias do *Fait Divers*.

Nos jornais não-sensacionalistas há sempre uma carga intensa de violência que não se revela, que não se escancara com a mesma intensidade encontrada nos jornais a sensação. Mas é uma violência disfarçada (ANGRIMANI, 1995, p. 57)

A sequência da análise dos materiais contempla à análise do ano de 2013. A primeira a ser contemplada se refere ao assassinato do Mc Daleste. O Mc foi assassinado durante um show que realizava, quando o mesmo cantava no palco foi atingido por uma bala. O que ilustrou o material foram as imagens de celulares de fãs que assistiam ao show



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





e gravavam o momento em que ele foi atingido. As imagens foram postadas na rede social *youtube*. Após a divulgação da morte outras imagens foram postadas, uma delas serviu para a polícia realizar a investigação do caso, na busca de conseguir diagnosticar de onde o tiro tinha sido disparado. A análise das imagens pela polícia foi acompanhada pelo Jornal Nacional. Sobre essa situação recorre-se a Arbex (2001, p. 52) quando o autor diz “O que importa nos atuais programas de telejornalismo, é o impacto da imagem, assim como o ritmo de sua transmissão”. Essa mesma linha de pensamento pode ser aplicada relativa as imagens que serviram para a cobertura de um fato que explorava que a disputa pela direção de sindicatos terminava com tiros em São Paulo. “Onde há morte, há jornalistas” (TRAQUINA, 2005, p. 79) e complementa “a morte é um valor-notícia fundamental para essa comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal” (Idem, p.79).

Na sequência da análise se tem o fato de um avião bimotor que caiu logo após a decolagem em Manaus. As imagens de um cinegrafista amador que acompanhava o momento da queda foram postadas no youtube e utilizadas pelo Jornal Nacional. Notícia que evidencia a tragédia, assunto constante no *Fait Divers*. Fato semelhante na cobertura da notícia relacionada ao fato do acidente de balão que deixou três brasileiros mortos e oito feridos na Turquia.

Imagens de violência também são evidenciadas na cobertura de quatro outros casos de materiais analisados. Um deles, fala sobre os depoimentos de PM’s que contradizem as informações da polícia sobre a prisão de estudante em protesto e a outra é relacionada a manchete de que um rapaz morre baleado em feira agropecuária em Goiânia. Ambos os materiais evidenciam imagens de cinegrafista amadores que respaldam a informação sobre o assunto. Chauí (1999) define violência como um ato de brutalidade. Para ela é a sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações subjetivas definidas pela opressão e intimidação e complementadas pelo medo do terror. A autora vai além quando



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





se refere a imagem do mal. Para ela são imagens relacionadas ao espetáculo que causam indignação e compaixão e acalmam a consciência.

A definição leva a um paralelo com o pensamento de Barthes (1971) quando o mesmo se refere a condição de sujeito que para o autor é conflituosa e muitas vezes trazida pelo *Fait Divers*. O autor justifica que é um efeito em nível de consciência mantidas pelo inconsciente por meio da qual o telespectador se reconhece e vive aquilo como se fosse seu.

Outros dois seguem a mesma ótica de observação. Um deles trata da depredação da prefeitura contra o aumento da passagem no Rio Grande do Sul e o outro explora a chacina em São Paulo que acabou por deixar sete pessoas feridas.

Para complementar o assunto mais uma vez recorre-se a Barthes (1971) quando o autor explica que o *Fait Divers* trabalha com um sistema de significação subjetivo, ou seja, ele denota a factualidade presente ao mesmo tempo que conota o conflito. O *Fait Divers* representa uma interpelação narcísica com o receptor que o identifica de forma projetiva os seus conflitos inconscientes comparando-os com os conflitos da informação.

Os outros dois materiais analisados são os relativos ao incêndio na boate kiss e a outra sobre a denúncia da defesa dos direitos humanos sobre o massacre de mais de 65 pessoas na Síria. O primeiro assunto é relativo a um incêndio que aconteceu em uma boate com o nome kiss localizada em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, chamada Santa Maria. O fato que ficou conhecido também como tragédia de Santa Maria teve um número de 242 mortos. A maioria jovens estudantes da universidade federal da cidade. Na cobertura desse fato foi utilizada com frequência a utilização de imagens postadas no youtube. As imagens mostravam o momento do incêndio, o desespero das pessoas frente ao grande número de corpos espalhados pelo chão. As imagens exploravam o choro, o desespero das pessoas no momento do resgate. Cobertura que evidencia o *Fait Divers* de Barthes (1971) quando se refere a superexploração do trágico, da morte, da dor. Neste caso enaltecidas pelas imagens do vídeo amador. Item que não foge a regra também na cobertura do caso do massacre na Síria, o vídeo amador permitiu trazer para dentro da casa das



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





peças a imagem em movimento que retratava a tragédia, ingrediente inseparável do *Fait Divers*.

Considerações Finais

É sabido que a televisão exerce um fascínio na vida das pessoas. Poder fazer parte da notícia e ser contemplado em um telejornal de referência é anseio de muitos. Conseguir transformar o seu produto em notícia é fruto de trabalhos especializados, um exemplo são as assessorias, tanto de comunicação quanto de imprensa. No entanto, as novas tecnologias trouxeram um novo modelo de comportamento em diversos segmentos da sociedade e com ela veio a possibilidade, tanto de estar com um celular na mão no momento do acontecimento de um fato e poder registrá-lo, quanto, também, a oportunidade de poder disponibilizar à imagem para o mundo por meio da internet.

Essa relação vem sendo estudada por diversos teóricos, parte significativa ligados à comunicação. No entanto, percebeu-se por meio de análise, tanto empírica quanto teórica, que essa filtragem de matérias que passaram a estar disponíveis na rede mundial de computadores todos os dias não é tarefa singela, uma vez que o número de colaborações é significativa. Buscar entender as semelhanças entre elas foi o anseio principal que auxiliou no início desse estudo.

Sabe-se também que a notícia tem se transformado com o decorrer do tempo. Conforme Jorge (2007) ela passou por um processo de mutação. No entanto, verificou-se também que o ciclo da notícia também sofreu alteração (aqui em especial as que utilizam o vídeo amador). Anterior as redes sociais é sabido que uma notícia de telejornal era disponibilizada apenas em uma mídia específica (televisão) podendo ser desmembrada no dia seguinte no jornal impresso, apenas como texto que podia descrevê-la e no máximo uma foto. Com o advento da Internet e a implantação dos sites de notícias esse ciclo começou a ser alterado. Ou seja, uma reportagem utilizada em um telejornal passou a poder integrar também um site de notícias, uma das modalidades do hipertexto, considerado por alguns autores como “textos entre nós”.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





Porém, o que se conclui aqui é que com a rede de compartilhamento de vídeos *youtube* um novo ciclo passou a ser percebido. Para referendar o trabalho foram feitas análises em semanas nos anos de 2010, 2011, 2012 e 2013. A maior parte da análise está concentrada no ano de 2013. A intenção foi averiguar o telejornal intitulado Jornal Nacional para encontrar o uso do vídeo amador retirados da rede de compartilhamento de vídeos *youtube*. O que se atestou é que todos os vídeos amadores que foram encontrados advindos do *youtube* migravam para o site de notícias G1, veículo também ligado a central Globo de Jornalismo. A constatação também é que depois dessa migração o material editado volta para o *youtube*, mas dessa vez como reportagem do telejornal editado. Foi notado também que a ordem não é seguida em todas as postagens, por exemplo, se um vídeo é postado pela manhã, ele é utilizado no hipertexto do G1 e a noite se transforma em reportagem no Jornal Nacional, retornando em seguida para o *youtube*.

Todas as notícias analisadas foram observadas a partir do ciclo: *youtube*, Jornal Nacional, G1 e *youtube* ou *youtube*, G1, Jornal Nacional, *youtube*. O que se afirma é que todas as postagens estudadas foram oriundas do *youtube* e retornaram para ele quando se transformaram em matérias do Jornal Nacional.

Na busca ainda por respostas as semelhanças entres ambos constatou-se que todos contem ingredientes encontrados na definição de barthes (1971) quando ele fala sobre o *Fait Divers*. Embora ingrediente inseparável da imprensa sensacionalista ele é componente também dos vídeos amadores que ganham destaque em um telejornal de referência e se sobressaem em relação a outras postagens no sentido de conseguir espaço na imprensa nacional.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





JORGE, Thaís de Mendonça. **A notícia em mutação: estudo sobre o relato noticioso no jornalismo digital**. 2007. 396 f. Tese (Doutorado em Comunicação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura e cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RUBLECKI, Anelise. **Jornalismo líquido: mediação multinível e notícias em fluxos**. 2011. 260 f. Tese (Doutorado em comunicação e Informação) . Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2011.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SBARAI, Rafael. **A definição da participação do cidadão nos modelos colaborativos jornalísticos na web**, São Paulo , 2009. Artigo científico apresentado ao eixo temático “Jornalismo e novas formas de produção da informação ”, do III Simpósio Nacional da ABCiber .

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – Porque as notícias são como são. 2.ed. Florianópolis : Insular,2005. Vol.I

TELEJORNALISMO. **Jornal Nacional**. Rio de Janeiro. Central Globo de Jornalismo. 20 a 30 de Setembro de 2010, 14 a 22 de dezembro de 2011, 10 a 18 de janeiro, 25 a 31 de julho de 2012,05 a 10 de janeiro, 28 de janeiro a 01 de fevereiro, 25 a 29 de março, 18 a 21 de maio, 22 a 26 de julho e 08 a 15 de julho de 2013.Programa de TV.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

www.youtube.com.br. Acesso em: 20 a 30 de Setembro de 2010, 14 a 22 de dezembro de 2011, 10 a 18 de janeiro, 25 a 31 de julho de 2012,05 a 10 de janeiro, 28 de janeiro a 01 de fevereiro, 25 a 29 de março, 18 a 21 de maio, 22 a 26 de julho e 08 a 15 de julho de 2013.

www.g1.com.br. Acesso em: 20 a 30 de Setembro de 2010, 14 a 22 de dezembro de 2011, 10 a 18 de janeiro, 25 a 31 de julho de 2012,05 a 10 de janeiro, 28 de janeiro a 01 de fevereiro, 25 a 29 de março, 18 a 21 de maio, 22 a 26 de julho e 08 a 15 de julho de 2013.



Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040
CEP 79070-900 * Campo Grande (MS) *
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com

